



Quarentena

Joana Pintarolina

Já passou mais de um mês desde que a quarentena começou para mim. Nunca pensei estar nesta situação mas, pelo menos, fico feliz por saber que eu e os meus estamos em segurança e com saúde. Tem sido, sem dúvida, uma montanha russa de emoções. Tudo consiste numa adaptação constante, visto que a nossa vida deu uma volta de 180° e os nossos dias estão muito longe da nossa rotina habitual. Por falar em rotina, sinto falta da minha. Acordar, relativamente cedo, vestir, ir para a escola, voltar para casa, sair com os amigos, por vezes, jantar fora com a família e ir dormir, começando tudo de novo no outro dia. A maneira repentina como fomos lançados para este isolamento desequilibrou tudo, para não falar no facto de que os dias parecem convergir todos num só. Até a sexta-feira perdeu o seu valor e só nos apercebemos que é sábado ou domingo porque a programação na televisão é diferente ou porque quem não pode

trabalhar remotamente fica por casa.

Eu saía todos os fins de semana com a minha família para almoçar. Era o nosso momento, do qual tenho muitas saudades. Outra parte da minha rotina da qual sinto falta é o contacto com a natureza. Adoro ir à praia com os meus amigos, apanhar umas ondas, ouvir música aos altos berros na viagem de carro, passear pelas ruas de Lisboa, ir a jardins com os meus amigos, em suma, tudo o que envolva passar tempo fora de casa com boas pessoas, e, em isolamento social, isso é expressamente proibido.

Ah... os meus amigos, as minhas pessoas, naturalmente, o que mais me faz falta são os seus afetos. Poder abraçar, beijar, ou apenas tocar naqueles de quem mais gostamos, algo tão banal e que demos como garantido, foi-nos roubado violentamente, ainda por cima a nós,

portugueses, que somos conhecidos como um povo bastante caloroso e afetivo. As conversas cara a cara acontecem agora através de uma câmara de telemóvel ou um ecrã de computador, não há toque, não podes sentir a presença dessas pessoas, não podes olhar-lhes nos olhos nem ouvir as suas gargalhadas, sem que estas sejam distorcidas pelas falhas de internet nas tais chamadas.

As diferentes festividades que ocorreram neste período também não ajudaram a situação. O Dia do Pai, com quem não pude estar, por ter uma profissão de risco e não vivemos na mesma casa, o que impossibilitou o nosso encontro. O Domingo de Páscoa, que é um dia passado em família, e que este ano não foi possível. Foi muito difícil perceber como isso afetou os meus pais, especialmente a minha mãe, que nunca tinha passado a Páscoa sem os meus avós. E ainda o aniversário de pessoas importantes para mim, que não festejamos juntos, o que foi bastante frustrante. Para além disto, especialmente a nós, alunos do 12ºano, sinto que a quarentena nos tirou muito mais. Tirou-nos o último ano em que poderíamos estar com os nossos amigos, todos juntos dentro de uma sala de aula, tirou-nos as últimas memórias do nosso percurso escolar, a viagem de finalistas, algo que esperávamos há muito como experiência única para mais tarde relembrar, a gala de finalistas, igualmente um dos momentos altos do último ano. As coisas nunca podem correr como planeado para nós ou

nós simplesmente não as podemos planear!

Mais do que nunca, estamos sensíveis e vulneráveis. Vejo-me muitas vezes invadida por sentimentos de raiva e tristeza, por arranjar motivação para estudar, para fazer algo dos nossos dias, sinto—me diariamente sonolenta e a minha ansiedade atingiu níveis bastante elevados, os quais nunca tinha experienciado e que me proporcionaram momentos assustadores para ser franca. Algo que também me faz muita confusão é a forma como o Covid invade e consome a comunicação social. Já não consigo ouvir notícias. Todos os dias este assunto, com a mesma conotação negativa, disperso em segundos de positividade. Tudo o que nos rodeia está relacionado com o vírus. É esgotante! Neste tempo, destacam-se a saudade e a liberdade, aliás, a falta desta....

Quando isto tudo acabar, vou abraçar e beijar todos aqueles que agora não consigo, ir à praia, passar tempo com os meus amigos LONGE de casa, visitar a família, especialmente as minhas avós que têm passado este tempo sozinhas, e ir comer fora. Fazer o melhor da minha liberdade e do tempo que tenho com os meus.

Mas, por enquanto, esperam-me mais umas semanas em casa, tenho de voltar a mentalizar-me nos estudos, apesar de que, ter aulas online, muitas vezes de pijama, não ajuda muito.